

EVOLUÇÃO, ÉTICA E EMPATIA: UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E OS ESCRITOS DE FRANZ DE WAAL

Sérgio Lasta*
Cledes Antonio Casagrande**

Resumo: Este artigo aborda a evolução da empatia e da ética nos seres humanos tomando como referência os escritos de Franz De Waal, em diálogo com a psicanálise. O objetivo do texto consiste em analisar como a ética e a empatia se desenvolvem nos humanos a partir da perspectiva teórica de Franz De Waal, em diálogo com a psicanálise, e como a educação poderá auxiliar no desenvolvimento delas. A metodologia utilizada foi a hermenêutica que possibilita maior flexibilidade nas articulações entre os principais autores, oriundos de campos científicos distintos. Constatamos que a ética e a empatia necessitam ser desenvolvidas nos humanos principalmente nas fases muito iniciais a partir das relações mãe-bebê. Mesmo que elas sejam capacidades inatas, os seres humanos não se tornam automaticamente éticos e empáticos, por isso a importância da educação e dos processos formativos.

Palavras-chave: Educação. Empatia. Ética. Relações mãe-bebê.

EVOLUTION, ETHICS AND EMPATHY: A DIALOGUE BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND THE WRITINGS OF FRANZ DE WAAL

* Integra o corpo docente da Faculdade Palotina de Santa Maria/RS. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis /RJ(1991). Concluiu o mestrando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria (RS), defendeu a dissertação em 07 de março de 2014. Fez "Doutorado Sanduíche" na Universidade Estadual Paulista - UNESP - Campus de Assis (SP) de agosto a dezembro de 2017, sob a orientação do Dr. Prof. Sílvio Luis Benelli. Doutor em Educação na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) em Canoas (RS). Contou com auxílio financeiro CAPES/PROSUP. Foi-lhe conferido o título de Doutor em Educação pela Universidade Luterana do Brasil em 16 de setembro de 2019.

** Possui graduação em Filosofia pela Universidade La Salle (2003), Mestrado em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI - 2008) e Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS - 2012). Atualmente é docente no PPG em Educação da Universidade La Salle (UNILASALLE) de Canoas, RS, Pró-Reitor de Graduação, Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão e Vice-Reitor dessa mesma instituição. Tem experiência na área da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, filosofia da educação, teorias da educação, cultura, hibridismo tecnológico, aprendizagem, práxis pedagógica, linguagem e ética.

Revista Litterarius | Faculdade Palotina

<http://revistas.fapas.edu.br/index.php?journal=litterarius> | litterarius@fapas.edu.br

Abstract: This article discusses the evolution of empathy and ethics in human beings, taking as a reference the writings of Franz De Waal, in dialogue with the field of psychoanalysis. The purpose of the text is to analyze how ethics and empathy are developed in humans from the theoretical perspective of Franz De Waal, in dialogue with psychoanalysis, and how education could help in their development. The methodology used was hermeneutics, which allows greater flexibility in the articulations between the main authors, coming from different scientific fields. We found that ethics and empathy need to be developed in humans, especially in the very early stages, starting from mother-baby relationships. Even if they are innate capacities, human beings do not automatically become ethical and empathetic, hence the importance of education and training processes.

Keywords: Education. Empathy. Ethic. Mother-baby relationships.

Introdução

Este artigo propõe pensar sobre a gênese da empatia e suas relações com a ética e a psicanálise, bem como as repercussões no campo da educação. O objetivo deste artigo é refletir e problematizar a ética e a empatia a partir das relações iniciais mãe-bebê e quais repercussões os vínculos primitivos terão na educação, uma vez que esta também se constitui numa relação vincular. Partimos do argumento que a empatia é inata respaldados por autores como: o primatólogo De Waal (2006, 2007, 2010, 2018), autores psicanalíticos, em especial Winnicott (1999, 2002), Klein (1991, 1996) e Bion (1992). Entendemos que o inatismo da empatia não torna os seres humanos automaticamente empáticos, pois é preciso que seja desenvolvida desde as relações mãe-bebê ainda no período de gestação, e estende-se nas fases muito iniciais do seu desenvolvimento como uma relação vincular.

Este texto foi construído a partir de um olhar hermenêutico que possibilitou fazer reflexões, interlocuções e enlaces entre a empatia, a ética e a educação. Portanto, para abordar o tema proposto, buscamos os citados autores que pesquisaram a gênese da empatia nas relações materno-infantis, o que nos possibilitou um entendimento do desenvolvimento empático e da ética. Para embasar o tema proposto entendemos também que a ética e a empatia são dimensões advindas de um passado remoto: os primatas que também são colaboradores e solidários entre si dos quais os humanos herdaram tais capacidades.

O conceito de ética tem sido aprofundado desde os filósofos gregos. Porém, para pensar a evolução do conceito é importante ter presente o que De Waal (2015) escreveu. O autor parte da biologia e se posiciona e a defende como uma continuidade evolutiva compartilhada ainda entre os primatas e como esses animais cuidam uns dos outros. Entende ainda que está presente, assim como a empatia, e possibilitam aos primatas seres pró-sociais ou cooperativos e se reconhecem uns aos outros como tomada de autoconsciência. Para De Waal (2015) a ética é uma consequência direta das tendências cooperativas que evoluíram desde os primatas até os humanos. Existe um impulso para fazer o bem aos demais, confiar nos outros. Por isso a ética vem de dentro do indivíduo e faz parte da biologia. Portanto, segundo ainda o citado autor ser ético e empático é uma tendência humana graças aos circuitos neuronais. A ética funde suas raízes no nosso passado primata e é mais antiga que a religião.

O texto está dividido em três partes. Num primeiro momento, buscou-se uma interlocução entre Freud e De Wall sobre a empatia e a ética. Posteriormente, refletiu-se como os vínculos, principalmente, mãe-bebê repercutem no desenvolvimento ou não da ética e da empatia. Num terceiro momento abordou-se a empatia como uma identificação projetiva entre as

peças, isto é, a partir de uma identificação entre um indivíduo que entra em contato com o mundo interno do outro.

1 Aspectos da empatia em Freud e enlaçamentos com De Waal

No exercício de entender a empatia pelo olhar psicanalítico, nos deparamos com o darwinismo freudiano em Totem e Tabu (1912). Para Freud (1912), o ser humano é um primata polimorfo, pois tem comportamentos similares aos símios e não é tão especial quanto imagina ser. A posição ereta dos humanos denota superioridade aos seus ancestrais e o engatinhar dos bebês é uma ressignificação do seu passado primata.

Freud (1921) entende que a empatia propicia alianças através da identificação com o outro, como uma expressão dos laços emocionais, e isso molda o próprio ego. A empatia permite entender o estranho dos outros, aquilo que ele não consegue verbalizar e que é ignorado pelo próprio ego como um estrangeiro em si mesmo. Permite conhecer o desconhecido de si mesmo ao olhar para dentro do outro. Freud (1921) entende a empatia como o estranho ao nosso ego nas outras pessoas o que produz efeitos emocionais.

Freud (1919) refere-se ao estranho que também é primitivo, no ser humano como algo herdado dos ancestrais, que corresponde ao estado animista primevo como resíduos do passado ainda capaz de se manifestar. Esse estranho não tem nada de novo ou alheio, mas algo familiar estabelecido na mente desde a ancestralidade. Portanto, é algo que deveria ter permanecido reprimido, mas que veio à luz. Pensando na empatia, podemos inferir que o estranho do outro, não decodificado, se enlaça com o próprio estranho secreto e reprimido que, ao se enlaçar com o estranho do outro, abre para o entendimento desse. Ou seja, o próprio estranho é entendido e decodificado quando se encontra com o

estranho do outro. O estranho é algo secretamente familiar que retorna e que pertence à pré-história do indivíduo e da raça. Assim, poderemos pensar que a não-empatia tem relação com não estranhar o outro, ou seja, não produz sentimentos na vida real.

Com Freud (1927) podemos pensar que a empatia é um movimento de busca do outro: um quer encontrar e o outro quer ser encontrado, quando se abre a essa possibilidade. Porém, Freud (1927) salienta que no ser humano também existe a destrutividade que o faz ser capaz de aniquilar a cultura, a ele mesmo e o outro. O criador da psicanálise escreveu sobre a cultura humana que compreende dois aspectos: saber e poder, conquistados pelo ser humano para dominar as forças da natureza e dela extrair bens para satisfazer suas necessidades. Com o controle dos seus impulsos destrutivos e hostis, o ser humano passou a dominar suas forças aniquiladoras que integram seus atos antissociais e anticulturais. Porém, a cultura não tem forças suficientes para impor um controle rígido sobre a conduta humana. Mas o amor poderá contornar os impulsos destrutivos para que as gerações sejam educadas para a estima à cultura.

A empatia também se relaciona com a capacidade para perceber o lado destrutivo e aniquilador de alguém. Ou seja, não somente perceber suas necessidades, mas entender e se antecipar às suas intenções tanto boas quanto más. Ou seja, o meu lado destrutivo se identifica com o destrutivo do outro". Essa capacidade não anula a destrutividade nos humanos, mas possibilita dominar as forças destrutivas quando for capaz de pensar suas possíveis atitudes aniquiladoras. A convivência grupal não aboliu o narcisismo e nem a violência dos humanos. Tais forças são avassaladoras quando não estão dominadas suficientemente, porque não deixaram e nem deixarão de existir.

Com o incremento da empatia, o narcisismo e a violência humana poderão encontrar algum freio, mas a empatia por si só não resolve tudo.

Ao relacionar esses elementos com os escritos de De Waal (2018), podemos entender que o ser humano ainda não conseguiu inibições apropriadas para frear a violência, visto que ainda é um predador profissional amarrado a um temperamento violento e pouco equipado para dominar esse temperamento. A solução seria o amor enlaçado com a empatia. Porém, o amor deixa o ser humano à mercê do sofrimento.

Tais interações não são somente psíquicas, mas também neurológicas, pois fazem parte da biologia humana. Para De Waal (2010), não há como negar essa interação biológica que vem das profundezas e não se pode prescindir delas. De Wall (2007) também entende como são essenciais os freios e as compensações da natureza quanto o freio de um carro. De Waal (2007) cita as tendências sociais conflitantes como a competição e cooperação, egoísmo e sociabilidade, antagonismo e harmonia.

Essas tendências conflitantes se equilibram, mas é inevitável o egoísmo que também, até certo ponto é necessário. Mesmo que os pais ajudem seus filhos a ingressarem de uma forma satisfatória na realidade, esses núcleos agressivos e destrutivos permanecem e, muitas vezes, afloram. Por melhor que seja a formação do psiquismo, o ser humano não deixa de ser egoísta, violento, anti-cooperador e anti-solidário.

Tanto para a psicanálise quanto para De Waal (2007), somos produtos de forças opostas, pois defendemos nossas necessidades e interesses, mas também nos preocupamos com o bem-estar dos outros. Entretanto, com esses impulsos agressivos e destrutivos negociamos o tempo todo porque também estão relacionados com a nossa sobrevivência. Esses conflitos também são importantes para a evolução do ser humano e do seu psiquismo quando bem

integrados. Para De Waal (2007), por sermos bipolares somos envolvidos por esses opostos. Não há como escapar da condição de sermos primatas polimorfos.

É importante também destacar que na repressão dos impulsos agressivos-destrutivos existe algo orgânico, com repercussões no próprio corpo. O papel dos processos físicos implica na defesa e adaptabilidade a partir do surgimento da sociedade e de formas de agir e sentir muito mais ricas e que são recriadas a cada nova geração. Significa que carregamos dos nossos antepassados, além da empatia e seus desdobramentos, também posturas, atitudes e comportamentos que dão mais plasticidade às nossas pulsões. Somos herdeiros também da hierarquia, da política, das alianças e dos golpes que os chimpanzés e os bonobos articulam entre si. De Waal (2007) descreve muitas semelhanças entre os símios e os humanos, que enfrentam dilemas sociais semelhantes, precisam superar conflitos como se estivéssemos num grande jogo de xadrez.

Percebemos que o ser humano apresenta comportamentos que estão também entre os bonobos e os chimpanzés, ou seja, tem em seu psiquismo pulsões destrutivas e agressivas e, também, pulsões de satisfação, de prazer. Porém De Waal (2007, p. 232) escreveu que: “Retratam-nos como cerebrais, racionais e donos do nosso destino, nunca doentes, famintos ou lascivos. O fato de os humanos possuírem corpo e emoções é tratado como mera fraqueza.” Para o autor, tendemos a ocultar nosso lado agressivo e atribuí-lo aos animais. Por isso que De Waal (2010) considera que os humanos tendem a se olhar somente com características nobres, porém considera que os humanos não são tão especiais; pois também praticam o genocídio, a tortura, a exploração, a lavagem cerebral e a destruição ambiental.

Retornando a Freud (1920), esse descreveu a empatia como uma identificação com o outro. A empatia participa enormemente na compreensão

daquilo que, em outras pessoas, seria alheio ao nosso eu. A empatia é um caminho que leva à imitação, à compreensão de mecanismos que nos levam a tomar uma posição. Para Freud (1920), a empatia liga a identificação com a história primitiva da família humana. Podemos pensar que o primitivo ainda habita no humano que, por mais evoluído que seja, ainda continuará com comportamentos dos primatas e dos seus antepassados primitivos. Seria uma herança que vai passando de uma geração à outra via psiquismo e nos identifica uns com os outros.

A identificação é uma manifestação antiga e original de ligação afetiva entre as pessoas que desempenham um papel histórico e consiste em se colocar no lugar do outro. De acordo com Freud (1920), existe um eu que se percebe no outro e, assim, constrói uma identificação como um indício de coincidência entre o eu e o outro. A identificação se dá através de algo afetivo importante em comum. Pela identificação às vezes copiamos a pessoa não amada como também a pessoa amada ao tomarmos um traço da pessoa-objeto. O mecanismo é o mesmo: se colocar na situação do outro.

Freud (1920) ainda salienta que a identificação poderá ser através de um sintoma que o próprio “Eu” produziu quando há uma coincidência entre dois “Eus”. Porém, seja qual for o tipo de identificação, ela sempre remete a estágios muito primitivos, ou seja, remete às relações iniciais com a mãe. Assim, todas as identificações que estão atravessadas pela empatia são regressões a estágios primitivos do nosso desenvolvimento e dos antepassados da horda primitiva. Ou seja, o ser humano evoluiu, mas ainda carrega em si mesmo o primata que foi outrora que possibilitou a identificação de uns com os outros.

Nós nos identificamos com os de casa o que, segundo De Wall (2007), ocorre também na natureza entre os primatas, porém a violência humana foi elevada ao nível inumano. Assim como os chimpanzés, somos acentuadamente

territoriais e valorizamos menos a vida de quem não pertence ao nosso grupo, o que tem a ver com a falta de empatia e se enlaça com nosso narcisismo grupal e pessoal. Assim como os chimpanzés, o ser humano cria facções para lutar contra a outra e a guerra entra no cenário da humanidade.

Numa troca de correspondência entre Einstein e Freud (1933), Einstein escreveu a Freud comentando sobre o instinto agressivo do ser humano dominado pelo ódio e pela destrutividade que estão em estado latente em tempos de paz, e questiona se é possível controlar tais impulsos. Freud respondeu que a guerra foi incutida pelo processo de civilização e que é possível se rebelar contra ela e não se conformar, pois devemos ser intolerantes com relação à guerra. Porém, não é possível prever quando o ser humano irá se tornar pacifista. Ele finaliza dizendo que tudo aquilo que estimula o crescimento da civilização trabalha concomitantemente contra a guerra. Nesse propósito, a educação tem um papel extremamente relevante.

Além disso, Einstein perguntou a Freud (1933) se é possível controlar a evolução da mente humana e torná-la a prova de psicoses do ódio e da destrutividade. Freud (1933) respondeu se referindo ao poder que leva muitas pessoas a se colocarem acima das proibições, que oprime e não leva em conta os demais. A violência é praticada entre pessoas da mesma comunidade, pois as pessoas estão sujeitas a um impulso instintual único e composto de Eros e destrutividade. São impulsos condenáveis e perigosos contra os quais os humanos lutam. Eros, para Freud (1933), significa tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais e atua contra a violência que leva à identificação com o outro e ao compartilhamento de interesses. Por outro lado, de acordo com Freud (1933), a destrutividade poderá levar à extinção da raça humana e sugere que existem motivos orgânicos para a modificação de nossos ideais estéticos e éticos com o incremento do intelecto que poderá trazer

vantagens e desvantagens ou perigos. O ser humano, à parte de seus valores, também é capaz de atos cruéis, brutais e destrutivos que, quando despertados, encontram livre acesso à gratificação. É um jogo travado no campo narcísico em que a destrutividade empunha suas armas.

A partir desses argumentos percebemos como a empatia é frágil. Segundo De Waal (2007, p. 288), “nosso design evolutivo dificulta-nos a identificação com estranhos.” A evolução nos moldou para odiar os inimigos, ser indiferente às suas necessidades, desconfiar daqueles que não pertencem ao nosso grupo. A tendência é ser indiferente, ou seja, na indiferença não há coincidência de “Eus”. Isso também remete a estágios primitivos quando estivermos sob a hegemonia do narcisismo e da onipotência. Portanto, a educação poderá, pouco a pouco, auxiliar na ressignificação das relações primordiais e facilitar o processo evolutivo.

2 Vínculos mãe-bebê e suas repercussões no desenvolvimento da empatia e da ética

Uma das dimensões psicológicas relacionadas à empatia consiste nos vínculos estabelecidos com a mãe e como estes foram se configurando. Os vínculos são elos que unem duas ou mais pessoas, ou duas ou mais partes de uma pessoa. A natureza dos vínculos é emocional, se entrelaçam e tomam várias direções desde o vínculo materno-infantil, com a família, com as outras pessoas e do indivíduo consigo mesmo (BION, 1992).

Porém, os vínculos poderão sofrer algum tipo de ataque como tentativas para obstruir, movido pela inveja excessiva, impedir que o outro tenha acesso à sua intimidade, barrar conexões e negar as próprias verdades penosas. Uma

forma de ataque aos vínculos poderá ser o individualismo, no qual alguém acredita que basta a si mesmo (ZIMERMANN, 2004).

Tais relações se iniciam ainda no período fetal, pois o bebê já possui uma personalidade na vida intrauterina (ZIMERMANN, 2004). Os vínculos e a empatia irão se incrementar ou não a partir dessa relação muito inicial, período em que o pai ainda não entrou diretamente em cena. Posteriormente o pai exercerá sua função, que também terá repercussões nas relações vinculares. Portanto, vínculo e empatia quase se confundem. Não se confundem porque irão também em outras direções no decorrer da vida dos indivíduos. Mas a base da relação vincular e empática será desenvolvida nesse período.

No nosso entender a educação também está em conexão com os vínculos e como esses foram desde os períodos muito primitivos dos indivíduos. A educação poderá ressignificar as relações materno-infantis, não há como fugir dessa relação, porque a existência dos indivíduos é um *continuum* e não um corte entre a vida pré-natal e pós-nascimento. Portanto, para pensar a educação é necessário também mergulhar nesses períodos muito primitivos dos indivíduos. São processos inconscientes, mas que são conteúdos que irão se manifestar de alguma forma, seja para o aprimoramento dos indivíduos com o que irão receber da educação ou acreditar que a educação não tenha nada a oferecer. As relações vinculares darão o tom de como o educando lida com o não-saber e a angústia que provoca ou não tolerar. Nesse processo a empatia será a mediadora que também está diretamente em consonância com as relações primordiais mãe-bebê.

A escola, a sala de aula e os professores ressignificam o período pré-natal, pós-natal e as relações com a mãe e com o pai. As relações do educando com a educação representam essas relações primitivas em qualquer nível educacional. Porém, as relações do educando com a educação estão também em conexão

com as experiências vividas com a mãe na fase muito inicial e, posteriormente, com o pai. São também processos inconscientes enlaçados com o que o ambiente educacional e o educador representam. Tais representações são os registros psíquicos inscritos na mente desde o período pré-natal. Portanto, tais registros estão também na gênese da empatia.

Sobre a gênese da empatia para a Psicanálise, esta também é considerada inata. Entretanto, Freud não abordou essa questão da inatividade da empatia, somente ressaltou a sua importância no tratamento psicanalítico. Os pós-freudianos aprofundaram os estudos sobre a empatia e, principalmente Bion (1992), investigou a existência de um psiquismo fetal. A empatia não seria algo genético, mas psíquico, ou seja, os humanos nascem com a capacidade empática que é gestada desde a concepção, o que gera uma ligação afetiva com a mãe e com o ambiente.

O nascimento com a capacidade empática também refere-se às ideias pré-concebidas descritas por Bion (1992), ou proto ideias. São as pré-concepções descritas pelo autor que comprovam a existência de um psiquismo fetal e como o bebê reage ao ambiente ainda estando no útero materno. Assim, pode-se considerar que o ser humano herdou dos antepassados, da sua ancestralidade, aspectos físicos e fica a pergunta se ele não herdou também algo mental. Para Bion (1992), seriam os protopensamentos que designam as primitivas impressões sensoriais e as experiências emocionais. Se houver uma evolução adequada dos protopensamentos, haverá a formação da capacidade para pensar. Caso contrário serão evacuados de forma bruta e não serem utilizados para a formação do pensamento.

Existe uma unidade biológica que cria um vínculo mãe-bebê que embasa também a empatia. Para entender isso é necessário ouvir também o feto, ou seja, as investigações alcançarem também o bebê no útero materno. Portanto,

existe uma continuidade entre a vida intra-uterina e o nascimento do bebê e não uma cesura. Ainda no útero, o bebê tem capacidade para captar o estado emocional da mãe e esta do seu bebê. Dessa forma, a empatia é um investimento materno, e isso produz uma forma de comunicação muito peculiar. São interações rotineiras em que a mãe se adapta às necessidades do bebê, o entende, o compreende quando seus corpos e olhares se cruzam.

A mãe entende o bebê, decodifica as suas necessidades, suas angústias e ansiedades o que o capacita para lidar com os excessos dos seus estímulos internos e a elaborá-los ao invés de simplesmente descarregar seus afetos de forma bruta (BION, 1991, 1994). Com o auxílio da mãe, o bebê aprende a lidar com as frustrações, não mais pensar somente nele mesmo, e se adapta às circunstâncias exteriores. Ainda de forma muito rudimentar, entende as necessidades, os afetos dos demais, a começar por sua própria mãe. O bebê passa a confiar em sua mãe, entender que ela tem algo bom a lhe oferecer e isso o leva a integrar em seu psiquismo as pulsões destrutivas, ao invés de simplesmente projetá-las, ou evacuar seus conteúdos internos e destrutivos de forma bruta.

Com o auxílio da mãe, o bebê se volta para o mundo real (BION, 1991, 1994). A presença da mãe é importante porque sozinho o bebê não daria conta dos seus conteúdos internos. Assim, começa a se incrementar a empatia, ou seja, a mãe é empática e penetra o mundo interno do seu bebê, o entende e lhe dá continência ao conter as suas ansiedades, angústias e a nomear o que sente. Dar um nome significa compreender e decodificar o que o outro não consegue por si mesmo (BION, 1991; 1994). Portanto, podemos dizer que a empatia é uma forma de decodificar o mundo interno da outra pessoa, que se inicia nas fases muito remota dos indivíduos.

Bion (1994) chama a decodificação materna de *reverie*. A decodificação desintoxica o bebê e o abre para as descargas emocionais que, aos poucos, vai amadurecendo, sem ser bruto. Os impulsos internos do bebê produzem o terror sem nome (BION, 1994) que, ao ser nomeado, produz alívio, se sente entendido e o capacita para pensar. Produz uma identificação mãe-bebê e abre para a compreensão e à empatia.

Outro psicanalista que aprofundou a relação mãe-bebê foi Winnicott (1983, 1975), para quem o bebê e o ambiente estão amalgamados e a existência ainda deste imatura, depende da mãe. Tal dependência leva a uma unidade fusional mãe-bebê. O autor parte do conceito da mãe suficientemente boa que possibilita ao bebê progredir do princípio do prazer para o princípio da realidade. A mãe efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê que, gradativamente, começa a lidar com as frustrações, tolerar os fracassos e se adaptar à realidade. Se tudo correr bem, o bebê começará a aprender com a experiência da frustração. A progressão consiste em o bebê sair da sua onipotência e poder suportar a realidade.

Com os cuidados necessários da mãe, o bebê prossegue rumo a um estágio posterior em que se torna uma pessoa total, consciente de si mesmo e dos outros. A mãe se dispõe e coloca o bebê em primeiro lugar, até mesmo em relação a si mesma, o que favorece a sua maturação. É uma espécie de devoção da mãe em relação ao bebê, que ainda está indefeso e necessita de todos os cuidados.

Winnicott (1956) também desenvolveu os conceitos de privação e desfusão em relação aos cuidados maternos primários. A privação desses cuidados primários poderá levar a uma privação e a não criar vínculos. O bebê se desconecta da mãe que também não se conectou com ele. Quando não há essa conexão, o bebê sente falta de sustentação e é atingido por angústias que

prejudicam seu processo de maturação e de integração com ele mesmo e com a realidade. Quando o bebê não é privado, atinge suas potencialidades e se constitui como pessoa aberta à alteridade, à cooperação. A privação possibilita ao bebê não se reconhecer a si mesmo, pois o seu reconhecimento está muito conectado ao reconhecimento materno, que é um espelho para ele. Ou seja, a mãe reflete o bebê em seu olhar e ele se reconhece, toma consciência de si mesmo para, posteriormente, ter consciência do outro como em um espelhamento. Sobre o espelhamento De Waal (2010), escreveu que este possibilita a visão da outra pessoa e seu estado emocional sem nos fundirmos com ela, mas continuarmos como seres distintos.

Articulando a privação e a desfusão com a educação, poderemos pensar que poderão afetar o processo ensino-aprendizagem, a cooperação, a solidariedade e a ética. Para isso é necessário que a desfusão aconteça desde a relação mãe-bebê, para que um não absorva o outro. A desfusão delimita os espaços de cada um, caso contrário a fusão tenderá a permanecer e, posteriormente, não tolerar frustrações, o não-saber ao não construir uma noção do próprio eu. Para a construção do próprio eu, é necessário a confiança do bebê para com a mãe e, na educação, aluno-professor. A confiança também cria laços e vínculos e borra o temor de aniquilamento para que o educando possa ter certa liberdade e independência, aprender a lidar com o não-saber e, assim, romper com sua onipotência, arrogância e com a onisciência para aprender a lidar com as frustrações. As frustrações poderão incrementar ou não a pulsão epistemofílica que, segundo Klein (1928), é o desejo de se apossar dos conteúdos da outra pessoa sem destruí-la.

O educando que não teme suas verdades e é mais autêntico, tem consciência de si mesmo, e tende a se abrir aos conteúdos dos outros, sem temer o aniquilamento. Além do mais lida bem com a angústia do não-saber e

faz disso um impulso para o saber. Quando isso é ao contrário, provavelmente haverá dificuldades e, em outros casos, o educando somente repete conteúdos sem elaboração e não manifesta seus próprios pensamentos.

Ter consciência de si capacita a ajudar os outros segundo suas necessidades. Reconhecer-se a si mesmo é como ser honesto consigo, se olhar como alguém que se vê como é. Essa honestidade capacita a reconhecer até mesmo um arqui-inimigo como aliado para ajudar a construir um mundo melhor. A auto-referencialidade também abre possibilidades para o processo educativo, pois capacita o educando maior independência para pensar. Um educando desfusionado do educador criará vínculos sem temer as próprias verdades.

3 Empatia: identificação projetiva

Para De Waal (2010), a identificação com o outro é o portal da empatia. Esse portal se abre quando estamos dispostos a compartilhar sentimentos com pessoas com as quais nos identificamos, sobretudo quando pertencem ao nosso círculo de relações. Para as pessoas com quem nos relacionamos, o portal está sempre aberto; fora disso é opcional abri-lo ou não para criar vínculos. Essa opção depende se nos deixamos afetar ou não pelo outro, se escolhemos olhá-lo ou não e sentir ou não sentir piedade. Cabe a cada um decidir se abre ou não esse portal, se se identifica ou não com esse outro, ou seja, podemos fechar o portal da empatia. Para que haja empatia é importante romper com o sentimento de onipotência e ter senso de realidade. Esse mecanismo poderá ser enlaçado com a educação, compreender quando o indivíduo falha, entender que nem sempre tudo acontece como 'eu acho' que deveria ser e conseguir tolerar o não-saber. Desse modo, assim como as relações interpessoais são

intermediadas pela identificação projetiva e pela empatia, a educação também está.

O conceito de identificação projetiva desenvolvido por Klein é um dos pontos-chaves para compreender a empatia. Pela identificação projetiva se criam elos. Segundo Joseph (1992), é um modo particular do bebê se posicionar diante de suas necessidades para afastar as ansiedades e impulsos. Para afastá-los, o bebê faz uma cisão com o objeto que, originalmente é a mãe, e projeta as partes cindidas para dentro de um outro objeto. Projeta suas partes internas em outro objeto para aliviar a ansiedade e poder; assim, obtém alívio e o objeto-mãe também se identifica com essas partes cindidas. Para Joseph (1992, p. 175), “Por definição, identificação projetiva significa colocar partes do self para dentro de um objeto”.

Projetar para dentro do outro partes de si mesmo é um modo poderoso e efetivo para o indivíduo se livrar do contato com sua própria mente, que está enfraquecida e fragmentada e, então, evacua. Segundo Klein (1991) a identificação projetiva é também o protótipo da agressividade que representa um ataque ao objeto a fim de se apoderar dos seus conteúdos ou controlá-los. Junto com esses ataques aderem-se excrementos daninhos, como o ódio e a inveja que são partes escindidas do ego e projetadas. O objeto que é atacado e alvo das identificações projetivas, assume esses ataques e os decodifica.

Para Klein (1996), a mãe é o objeto que gratifica o bebê e atende suas necessidades, mas que, por outro lado, quando suas necessidades não são atendidas e sente desconforto físico, logo surgem sentimentos de ódio e agressividade. Tomado por tais impulsos, o bebê sente desejo de destruir esse objeto que é a fonte de suas satisfações. Porém, o bebê percebe que a mãe lhe satisfaz e sente gratificação por ela e reage aos seus carinhos criando um sentimento de amor em relação a ela. O bebê, assim, luta entre seus impulsos

agressivos e seu amor que precisam ser integrados, caso não o sejam integrados, poderão representar algum perigo para as relações humanas e também para a educação.

Para pensar o tema da empatia a partir dessas relações mãe-bebê, entendemos que é importante integrar sentimentos agressivos e destrutivos no psiquismo. Amor e ódio fazem parte de um mesmo sistema e lutam entre si. Caso o ódio e a destrutividade tenham hegemonia sobre o amor, dificilmente a empatia entrará em cena. Com a integração desses afetos, o bebê aos poucos vai transferindo seu amor às outras pessoas que também serão sentidas como fontes de gratificação. Porém, se o ódio, a inveja e a destrutividade não se integrarem no psiquismo, o outro será visto como ameaça. Diante dessa ameaça, a empatia tende a ser cortada e surgem ataques a toda possibilidade de criar algum elo, até mesmo com a educação. Quando o ódio, a inveja e a destrutividade não estão integrados no psiquismo, facilmente serão evacuados de forma bruta. O sujeito não cria vínculos e se sente ameaçado, o que levará a descargas maciças desses mesmos conteúdos, inclusive na educação.

A identificação projetiva se fundamenta no amor como uma derivada, por isso tem uma raiz narcísica. A identificação permite compreender a gênese do amor como maneira de proteger e gratificar o objeto como forma de 'eu' também me gratificar, ou seja, eu me gratifico no outro. Segundo Klein (1937), nós sacrificamos nossos sentimentos até certo ponto, quando nossos interesses entram em cena para nos identificarmos com o outro. Aprofundando mais o narcisismo da identificação e da empatia, significa que compartilhamos da satisfação e da ajuda conferida por nós, pois nos beneficiamos dessa identificação e nos gratificamos, anulando assim a culpa gerada pelo ódio e desejo de vingança experimentados na fase primitiva da nossa existência. Ao nos identificarmos com o outro, desempenhamos papéis de pais e de crianças

amorosos que estão representados em nosso psiquismo. Portanto, a identificação é uma forma de reparação e nos permite suportar a felicidade da outra pessoa. Permite suportar que o educador tem conteúdos bons a oferecer, caso contrário poderá haver um corte nessa identificação, o que abre possibilidades para ataques ao educador e seus conteúdos, ou vice-versa.

A identificação projetiva possibilita projetar nossas partes más no outro com as quais nos identificamos para aplacar nossa ansiedade. Projetamos nossos conteúdos nocivos para nos livrar deles e aliviar nosso psiquismo, por isso que o narcisismo entra em cena. São nossas partes indesejáveis identificadas no outro que as contém. Ajudamos o outro para nos ajudarmos e resolver algo em nós mesmos. Porém, segundo Feldman (1994), a identificação projetiva também envolve as partes boas projetadas para proteger alguém, o que é necessário nas nossas relações, com o intuito de nos proteger também.

A educação também sugere a existência de um vínculo. Portanto, na educação é importante não se sentir ameaçado para que haja abertura ao mundo exterior e seja possível absorver o que vem de fora. Com isso o sujeito se abre a novos conhecimentos e encontrará satisfação. Portanto, quando o educando deseja que o educador venha a gratificá-lo e isso não acontece como espera, facilmente aquele atacará o educador e seus conteúdos com a entrada em cena da inveja e do ódio. Os ataques aos vínculos poderão afetar a pulsão epistemofílica.

Relacionando ainda mais o pensamento kleiniano com o conceito de empatia, podemos entender que a satisfação que encontramos no mundo exterior reduz os ataques de ódio, de inveja e a agressividade. Possibilita o domínio desses afetos e o sujeito se abre para o amor e a bondade do outro; e isso produz o prazer, o conforto e a felicidade. A empatia, como identificação com os conteúdos internos do outro, cria uma relação de entendimento,

cooperação e colaboração. A relação empática mãe-bebê incrementa a introjeção de objetos internos bons e a introjeção de conteúdos. Por isso é uma relação fundamental, pois dessa relação irá predominar sentimentos de amor ou impulsos destrutivos com repercussões na educação.

Considerações finais

Este artigo não deixa de ser uma transgressão, ou seja, transgredir é o ato de ir além e está embasado no desejo de saber que, segundo Foucault (2009) libera a luz do saber ao romper com os interditos. Romper com os interditos não significa ir em direção oposta à ética, mas refletir, questionar e tensionar os diferentes significados de ser ético. Muitas vezes esbarramos na linguagem que nem sempre têm suficientes vocábulos para explicar o que realmente se quer dizer. Por isso que este artigo traz a experiência de se expor, correr riscos e sair da passividade ao não repetir o que já existe.

A transgressão flerta com o limite numa tênue espessura da linha que atravessa todo o seu espaço. “[...] transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo[...].” (FOUCAULT, 2009, p. 32). É um jogo de incertezas e que embaraça o pensamento.

A educação também tem um caráter social, pois é feita em sociedade por natureza, “[...] pois os humanos são organismos que cooperam, não por insuficiência ou deficiência da própria natureza [...]” (CASAGRANDE, 2014, p. 23), mas porque o ser humano faz a experiência da inserção, da cooperação e da comunicação. Portanto, a educação também seria o lugar para essas experiências atravessadas pela empatia e pela ética. A sociabilidade está

presente em todos os níveis dos seres humanos: físico, psicológico, educacional, dentre tantos.

A sociabilidade não é um atributo somente dos humanos. Os outros animais, dentre eles os chimpanzés, os bonobos, insetos e outros mais, também são pautados por interações sociais. O que diferencia os humanos dos outros animais é a linguagem, a capacidade de interação simbólica e a participação de projetos em comum (CASAGRANDE, 2014). Porém, o ser humano, para viver em sociedade, reprime seus impulsos mais agressivos e destrutivos em relação a si mesmo e aos demais. Nesse caso é onde entra a ética e a empatia que capacitam os humanos para o convívio social.

A ética e a empatia capacitam os humanos a conviverem com as diferenças e com a diversidade cultural. Aí entra a educação que incrementa aquilo que o ser humano traz desde a concepção. O saber possibilita os humanos a saírem de si mesmos e irem em direção ao outro rompendo barreiras que barram a capacidade empática e ferem a ética. A educação estaria a serviço para tornar o ser humano artífice de transformações tanto pessoais quanto sociais.

Para Bion (1991), transformação significa ir além de, e as mudanças que ela implica conservam a propriedade de se conectarem entre si. As transformações também estão atravessadas pelo saber para que o indivíduo seja aquilo que é. Inicialmente transformar poderá ser catastrófico e ameaçador, o que não significa um desastre porque é um movimento evolutivo que passa pela experiência para construir um saber emancipador.

Esses argumentos nos levam a pensar que a educação transformadora não é como o leito de Procusto (KURY, 1990), que procura enquadrar o educando em moldes pré-estabelecidos, mas ter um olhar para a sua existência e a construção de sua subjetividade. Portanto, é preciso sair da mesmice, da

repetição e, assim, sonhar e também se perder para depois se reencontrar. Uma educação que pensa a empatia como mediadora desse processo, que entende a gênese da empatia poderá estancar a escorregada para a barbárie.

Porém, é importante lidar com o estranhamento que o tema provoca e se desprender do supérfluo, para dar mais tempo ao educando e ao educador pensar, se dar esse espaço e também dar espaço para que o saber seja emancipador. Um saber emancipador possibilita, além de tomar consciência da sua condição, tomar consciência de que existem outras possibilidades. Assim o saber ser útil, que transforme, que não fixa as pessoas em seus lugares, mas que produz movimentos para subverter a lógica da submissão.

Às vezes a educação corre o risco de ser modeladora, que produz subjetividades subalternas que reforça e ressignifica relações primitivas mal resolvidas. Por isso é importante olhar para nossos antepassados para compreender e pensar o modo de agir dos primatas e aprender com eles. Para isso é preciso que o ser humano saia do seu narcisismo.

Referências

BION, W. R. **As transformações**: a mudança do aprender para o crescer. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

BION, W. R. **Conversando com Bion**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CASAGRANDE, Cledes Antônio. G. H. **Mead & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DE WAAL, Frans. Primates y filósofos. **La evolución moral del símio al hombre**. Madrid: Paidós Ibérica, 2006.

DE WAAL, Frans. **Eu, primata**: porque somos o que somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DE WAAL, Frans. **A era da empatia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DE WAAL, Frans. **El bonobo y los diez mandamientos**: en busca de ética entre los primates. Barcelona: Booket, 2015.

DE WAAL, Frans. **El mono que llevamos dentro**. Barcelona: Tusquets, 2018.

FELDMAN, Michael. Cisão e identificação projetiva. In: SEGAL, Hanna (Org.). **Conferências clínicas sobre Klein e Bion**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escrito III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1919). O estranho. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1921) Psicologia das massas e análise do Eu. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Freud**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. A Negativa (1925). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1923). O id e o ego. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. El porvenir de una ilusión (1927). In: **Obras completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. Vol III.

FREUD, S. El malestar en la cultura (1929). In: **Obras completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. Vol. III.

FREUD, S. Por que a guerra: In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JOSEPH, Betty. **Equilíbrio psíquico e mudança psíquica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

LEJARRAGA, Ana Lila. Os afetos em Winnicott. In: **Cadernos de Psicanálise**, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 30, n. 21, p. 87-101, 2008.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão** (1957). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação** (1937). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KURY, Mário Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Editores, 1990.

ZIMERMAN, David E. **Bion: da teoria à prática**. Uma leitura didática. Porto Alegre, Artmed, 2004.

WINNICOTT, D. **O bebê sua mãe**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald. **Privação e delinquência**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.